

## "OSCAR": QUASE SEMPRE UMA CAIXA DE SURPESAS

A política de premiação da Academia de Ciência e Artes Cinematográficas de Hollywood, agora sob a presidência do roteirista Daniel Taradash, consegue, ainda, surpreender a muita gente. Mas, sejamos justos, em verdade é exatamente isso que seus patrocinadores sempre pretenderam, entre outras coisas. A noite da entrega dos "Oscars" é quase sempre uma caixa de surpresas. E por quê? Porque, na maioria das vezes, os reais interesses em jogo não são aqueles a princípio deduzidos e analisados pelo público interessado. Senão vejamos as premiações deste ano.

Até a abertura oficial do espetáculo, especialmente montado para a ocasião, fomos levados a crer — pelos noticiários dos jornais e das revistas estrangeiras e pelos prognósticos dos experts americanos na matéria — que este ano seria a consagração de *Love Story*, de Arthur Hiller, baseado no livro homônimo de Erich Segall. Esta dedução inicial era perfeitamente justificável e compreensível por duas razões: um filme de enorme sucesso de bilheteria não só nos Estados Unidos como também em países estrangeiros em que já havia estreado. *Love Story*, segundo especialistas americanos, reabriria um novo tipo de produção mais de acordo com o gosto e as "preocupações" do americano médio. De quebra, havia o número recorde de **nominations** que o filme da Paramount havia conseguido. Mas essa impressão prévia só resistiu até às aberturas dos primeiros envelopes. A partir de então, qual-

beria que a consagração esperada não iria concretizar-se.

Entre uma história de amor entre dois típicos adolescentes americanos e a biografia intelectualizada de um nome famoso da II Guerra, *Patton*, de Franklin Schaffner, os membros da Academia preferiram ficar com o segundo. Entre o amor e a guerra, a guerra — principalmente se essa guerra era apresentada criticamente. Dessa forma, os muitos "Oscars" que todos acreditavam já serem de antemão de *Love Story* foram parar nas mãos dos hábeis produtores de *Patton*. E, na verdade, em última análise, o "Oscar" de 1970 foi antes de tudo uma luta entre duas correntes simbolizadas pelos dois filmes citados. E a vitória de *Patton* não poderia ter sido mais esmagadora: 7 a 1, esse um por conta do prêmio dado a Francis Lai de melhor partitura musical, item esse que, por mais incrível que possa parecer, poderia ter ido perfeitamente para *Patton* em nome do músico Jerry Goldsmith, que nesse filme estava em dia de extraordinária criação.

Assim, mesmo a derrota de Ali MacGraw para Glenda Jackson (*Women in Love*) terminou por não ser mais uma surpresa como foram aquelas de Jean Simmons (*The Happy Ending*) e Jane Fonda (*They Shoot Horses, Don't They?*) para Maggie Smith (*The Prime of Miss Jean Brodie*), o ano passado. Quanto à vitória de George C. Scott (*Patton*), ela foi tão óbvia quanto a de John Wayne (*True Grit*) em 1969. O fato de Glenda Jackson e George C. Scott merecerem o galardão máximo da indústria cinematográfica americana ou não o merecerem, não vem ao caso (é só olharmos para trás e veremos que está na lista dos premiados o careca Yul Bryn-

ner, enquanto não conseguiremos achar, por exemplo, os nomes de Cary Grant e James Mason).

Será que alguém duvidava da premiação de John Mills (*Ryan's Daughter*) e de Helen Hayes (*Airport*)? O primeiro fez sua composição quasimoderna pensando na estatueta e a segunda é, para os americanos, o símbolo de tradição mais qualidade de todas as suas atrizes.

Afora os outros prêmios, quase todos também para *Patton* (direção, roteiro original, cenografia, som e montagem), uma outra enorme surpresa: a de melhor filme estrangeiro. O favoritíssimo *Satyricon*, de Fellini, foi preferido em favor do *Indagine sul un Cittadino al di sopra di Ogno Sospetto*, de Elio Petri.

Só, então, a caixa de surpresas se fecha e termina o "Oscar". (MRF)

## MORREU O BOM RAPAZ DO HUMOR: HAROLD LLOYD

Alto, magro, cândido, tímido, ar contraído, chapéu de palha, óculos de aros de tartaruga, sua figura de rapaz direito despertava a atenção da moça de família americana dos anos 20 — mas, incrivelmente desajeitado, nada que fazia dava certo. Harold Lloyd (8-4-1893/8-3-1971) morreu aos 77 anos de idade, afastado há 21 anos do cinema e deixando seu nome inscrito na galeria dos maiores comediantes da história do cinema.

A exemplo de Charles Chaplin, Mary Pickford, Norma Talmadge, Corinne Griffith, Samuel Goldwyn, Ruth Roland e Donald Crisp, Lloyd saiu do cinema multimilionário e viveu seus últimos dias,

a partir de 1950, viajando pelo mundo, quando não se dedicava à arte fotográfica em sua imensa mansão, na parte alta de Benedict Canyon, onde residiu por quase meio século em meio a um lago, cascatas, campo de golfe, quadras de tênis, piscina, bosques e um jardim à italiana.

Começando sua carreira no teatro, aos quatro anos de idade, como o filho de Macduff em *Macbeth*, passou ao cinema em 1913, fazendo o papel de um índio num filme rodado pela Edison em São Francisco. A partir de então fez centenas de filmes — especialmente na era do cinema silencioso —, interpretando os mais diferentes personagens: empregado, estudante, vagabundo, médico, soldado. Não resistiu inclusive à grande influência de Chaplin: numa série co-dirigida por Hal Roach interpretou um personagem chamado *Lonesome Luke*, onde usava o bigodinho e a maneira de andar idêntica à de Carlitos.

Cento e vinte filmes de Lloyd permanecem desconhecidos. Segundo os críticos franceses Raymond Borde e Charles Perrin, essa grande quantidade de películas era possível de ser feita naquela época, porque então as fitas se compunham apenas de **sketches**, invariavelmente de duas partes, tempo pouco maior que um curta-metragem de hoje.

Em 1928 Lloyd começou a decair, devido aos longametragens que começaram a ser feitos no cinema a partir de então: nas pausas mais longas da ação "normal" existia aquele sentido improvisado e espontâneo do filme "ligeiro", o sentido do ritmo e do movimento perpétuo, característico da comédia "pastelão". Essa queda do grande comico foi ainda mais acentuada com o surgimento do cinema sonoro: a substituição do **gag** vi-